**Dança**

Brasil no mundo

De como a dança pode ser uma linguagem universal da vida

GRUPO CORPO
Coreografias
de Rodrigo Pederneiras

RAROS são os momentos em que alguma companhia de dança contemporânea pode — e deve — ser comparada ao Ballet Frankfurt de William Forsythe.

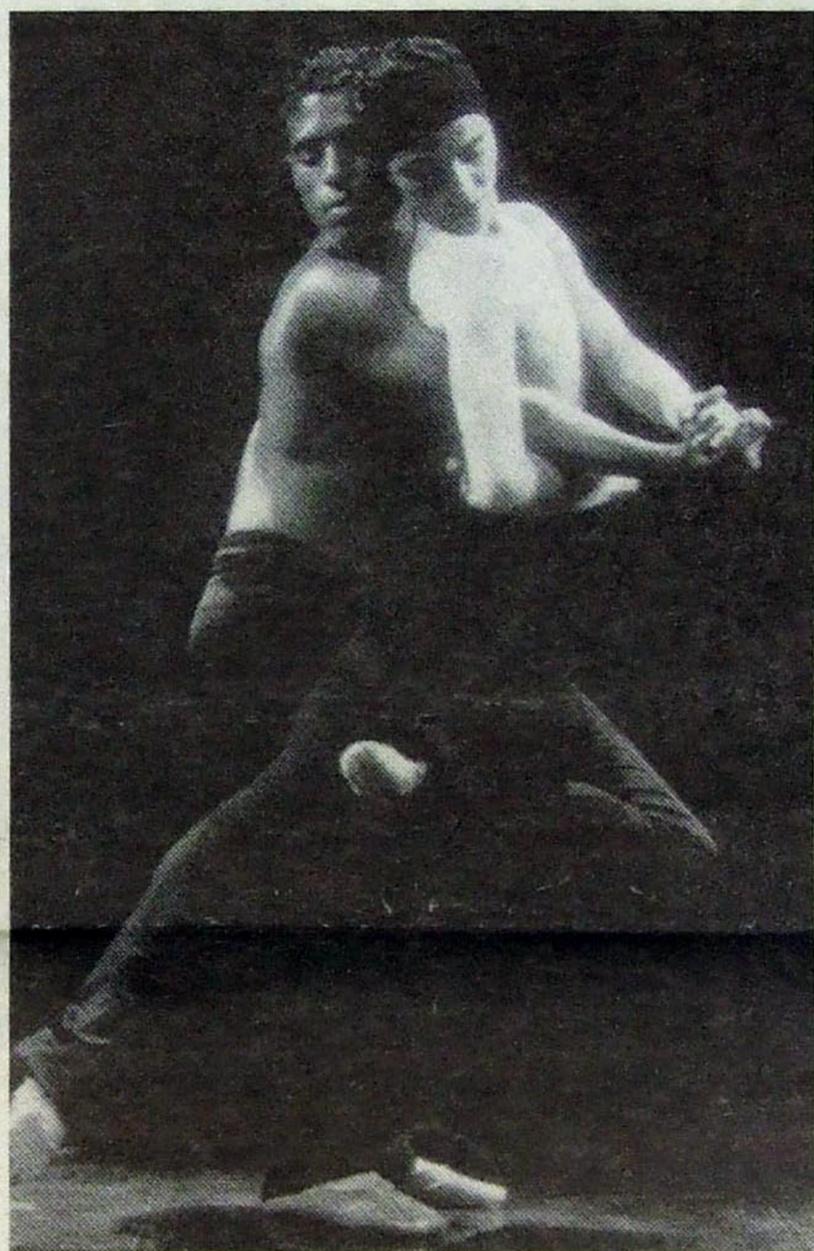
Se isto não faz necessariamente de Forsythe o maior génio vivo da dança, conserva-lhe, mesmo assim, o lugar que tem entre os melhores dos melhores. Está-se com isto a querer significar uma linguagem coreográfica de elevadíssima elaboração, construída a partir das mais importantes fronteiras abertas neste séculos pelas diferentes idades da dança; fala-se de um grau de exigência performativa como há mesmo muito poucos e de uma composição na mais estreita relação com a música. Tudo isto é interpretado por um conjunto de bailarinos cuja qualidade de movimento e de execução é capaz de desafiar as leis da física, bem como as da imaginação do público em geral.

Estas são, em resumo, as idiosincrasias do Ballet Frankfurt que fazem de qualquer imitação de Forsythe, por mais conseguida que seja em termos de fidelidade (aquela situada no limiar do plágio), um monumental bocejo.

Daí que, quando comparo Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo ao Ballet Frankfurt esteja imediatamente a negar uma proximidade formal. Parece-me claro que a linguagem coreográfica e, muito provavelmente, a metodologia de trabalho de Rodrigo Pederneiras não tenham nada a ver com a de William Forsythe.

O ponto comum entre ambos afasta-os na medida da distância que separa os dois continentes onde criam a sua dança, ainda que, curiosamente, tenham ambos nascido na América (Brasil e Estados Unidos, respectivamente). Por alguma razão Forsythe se radicou na Alemanha e também por alguma razão Pederneiras quis afastar o conceito de «brasilidade» da sua dança do «folclore» a que o termo estava antes associado. Se não fosse impossível, seria até prudente não pensar nem citar a «brasilidade» da dança de Pederneiras, por ser potencialmente um terreno equívoco. Mas essa é a sua primeira e, provavelmente, a sua última virtude.

Quero com isto dizer que a base de criação do coreógrafo brasileiro é a espantosa noção de ritmo e assertividade com que os corpos dos seus bailarinos expressam o que têm para expressar e o modo como foram trabalhados todos os estilos incluídos na sua dança. Isto é muito diferente de fazer citações. O que eu pressinto é que Rodrigo Pederneiras é dos coreógrafos mais cosmopoli-



«Benguelê»

tas que existem e dos mais certos a criar uma linguagem coreográfica muito pessoal mas ao mesmo tempo herdeira das «tradições» contemporâneas.

O modo como ela é capaz de refazer a cada momento o património que herda constitui uma leitura coerente em si própria, traduzida por meio de uma vivacidade ímpar. Pederneiras viu Trisha Brown, viu Merce Cunningham, viu Bill T. Jones, viu Lucinda Childs, viu music-hall, viu dança popular brasileira e afro-americana, viu Balanchine, conhece muito bem os clássicos, sabe o que é uma formação de bailarino, sabe muito bem como lidar com o eclectismo e sabe, acima de tudo, que povo vive nos bailarinos com que trabalha. Só assim é possível um tal efeito de «brasilidade».

Benguelê (1998, música de João Bosco) e **Parabelo** (1997, música de Tom Zé e Zé Miguel Wisnik) são duas peças construídas de maneira semelhante: seguem as sequências da música, recriam-na visualmente em movimento com uma eficácia surpreendente e conseguem dar à estrutura uma dramaturgia de progressão que gera sentidos a partir dos sentidos propostos. Se isto não disser tudo, poucas são as vezes em que é tão claro uma dança ter muito «mais» do que aquilo que podemos ver nela de uma só vez. Além disto, luzes (Paulo Pederneiras), figurinos (Freusa Zechmeister), cenografia (Fernando Velloso e P. Pederneiras) e interpretação são «top». Brillante!

CRISTINA PERES